

---

# Historicidade da filosofia em Hegel e Heidegger

## Historicity of philosophy in Hegel and Heidegger

Christian Iber<sup>1</sup>

**Resumo:** Gostaria de discutir, em forma de teses, a temática da historicidade da filosofia em contraste e na sua divergência em Hegel e Heidegger. Diferente do historicismo, que não soluciona o problema da historicidade da filosofia, porque ele dissolve tendencialmente a filosofia na história da filosofia e não coloca em especial a questão da verdade, Hegel e Heidegger desenvolvem uma teoria genuinamente filosófica da história da filosofia do interesse filosófico pela verdade. Esse interesse genuinamente filosófico pela verdade segue do seu conceito respectivo de filosofia, que inclui em ambos uma posição crítica à Modernidade. Ambos os pensadores não são apenas pensadores modernos, mas também pensadores críticos da Modernidade, de uma Modernidade que entrou no estado de uma autorreflexão. Em Hegel e Heidegger, a filosofia da história da filosofia é ao mesmo tempo a chave para uma filosofia crítica de Modernidade da história.

**Conceito-chaves:** Verdade e história, filosofia da história da filosofia, filosofia crítica de Modernidade da história.

**Abstract:** I would like to discuss the topic of historicity of philosophy in contrast and in their oppositeness in Hegel and Heidegger in terms of assumptions. In contrast to historicism, that does not solve the problem of historicity of philosophy, since it tends to dissolve philosophy into history of philosophy, Hegel and Heidegger develop a genuine philosophical theory of history of philosophy out of a philosophical interest in truth. This genuine philosophical interest in truth results from their respective terms of philosophy, that includes in both philosophers a critical position on the modernity. Both thinkers are not only modern thinkers but also critical thinkers of the modernity – a modernity entered in a stage of self-reflection. The philosophy of history in Hegel und Heidegger is at the same moment the key to a modernity critical philosophy of history.

**Keywords:** truth e history, philosophy of history of philosophy, modernity critical philosophy of history.

Gostaria de discutir, em forma de teses, a temática da historicidade da filosofia em contraste e na sua divergência em Hegel e Heidegger. Diferente do historicismo, que não soluciona o problema da historicidade da filosofia, porque ele dissolve tendencialmente a filosofia na história da filosofia e não coloca em especial a questão da verdade, Hegel e Heidegger desenvolvem uma teoria

---

<sup>1</sup> Professor PPG-Filosofia-PUCRS. E-mail: christian.iber@yahoo.de. Endereço postal: Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 5 – Sala 608 – CEP: 90619-900 – Porto Alegre – RS.

genuinamente filosófica da história da filosofia do interesse filosófico pela verdade. Esse interesse genuinamente filosófico pela verdade segue do seu conceito respectivo de filosofia, que inclui em ambos uma posição crítica à Modernidade. Ambos os pensadores não são apenas pensadores modernos, mas também pensadores críticos da Modernidade, de uma Modernidade que entrou no estado de uma autorreflexão. Em Hegel e Heidegger, a filosofia da história da filosofia é ao mesmo tempo a chave para uma filosofia crítica de Modernidade da história.

I. 1. Na *Introdução* às suas *Lições da História da Filosofia*, Hegel tenta dissolver a contradição entre a verdade filosófica e a história da filosofia, ou seja, as diversas posições filosóficas na história da filosofia com apoio da chamada teoria da correspondência entre a sequência das posições filosóficas na história da filosofia e do desenvolvimento das categorias lógicas na lógica especulativa.<sup>2</sup>

Em primeiro lugar, com sua teoria da correspondência, Hegel esclarece a questão de por que motivo, ao lado do desenvolvimento da ideia lógica, seu desenvolvimento temporal-histórico é necessário. Sua tese é que a ideia lógica na sua supra temporalidade está posicionada no tempo e na história, nos quais o espírito exclusivamente pode proceder. Visto que a temporalidade e a historicidade são uma implicação necessária da ideia divina supratemporal lógica, a temporalidade é o caráter geral do espírito, e a historicidade, o caráter genuíno da filosofia.

O desempenho particular da teoria da correspondência de Hegel não reside tanto no fato de que diversas correspondências entre posições filosófico-históricas e categorias lógicas são apontadas – as quais aparecem problemáticas por tanto tempo, enquanto não se leva em consideração a diferença entre o desenvolvimento lógico e histórico – mas sim no fato de que o desenvolvimento lógico e o temporal-histórico da ideia na sua diferença são ambos de estrutura dialética e representam uma sequência de teses, antíteses e sínteses. Não apenas o andamento da lógica mas também a história da filosofia decorre dialeticamente,

---

<sup>2</sup> Cf. G.W.F. HEGEL. *Werke in zwanzig Bänden* [Obras em vinte volumes]. E. Moldenhauer, K. M. Michel (Orgs.), Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969 s., vol. 18, p. 49 (ulteriormente citado: Werke 1 s.). A tese da correspondência, que atraiu sem exceção uma crítica, trouxe má fama ao esboço da sua *História da Filosofia* (cf. A. L. KYM. *Hegels Dialektik in ihrer Anwendung auf die Geschichte der Philosophie* [A dialética de Hegel na sua aplicação à história da filosofia]. Habilitationsschrift. Zürich: Druck von Drell, Füßli und Comp., 1849, p. 25; K. DÜSING. *Hegel und die Geschichte der Philosophie* [Hegel e a história da filosofia]. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983, p. 16-39).

desde que no seu decurso se englobem posições opostas umas às outras, que são suprasumidas respectivamente nas posições sintéticas. A história da filosofia não é, portanto, nenhuma mera coleção de opiniões, já que as mudanças fundamentais na sequência histórica das posições filosóficas não são sem necessidade ou razão.

Com sua teoria da correspondência Hegel acredita ter remediado a contradição entre a verdade filosófica e a história da filosofia, que é característica do ceticismo histórico. Mas o específico da mediação da verdade e da história de Hegel é que a contradição é dissolvida a partir do ponto de vista de uma verdade eterna da razão pensada dispensadamente de tempo. A história da filosofia pressupõe, segundo Hegel, portanto, desde sempre, o conhecimento da verdade. Mas isso significa que, para Hegel, a explicação da verdade da razão não é finalmente histórica. Ela também não pertence, portanto, à teoria da história da filosofia, mas à lógica especulativa. Isso é a consequência do fundamentalismo da razão de Hegel, da tese de que a razão e a verdade se legitimam apenas a partir de si mesmas.

2. Da dissolução unilateral da antinomia de Hegel da historicidade e da verdade da filosofia, segue-se também sua tese problemática do fim da história da filosofia com sua própria teoria, que não é apenas refutada de forma prática pela progressão da história da filosofia. A uma interconectividade produtiva na teoria de Hegel da história da filosofia se opõe, antes pelo contrário, que ela parece estar caracterizada por uma contradição semelhante como acontece no ceticismo histórico, ao qual a teoria de Hegel é a única alternativa com sentido. A teoria de Hegel da história da filosofia precisamente se contradiz a si mesma, desde que sua tese dialética do progresso seja incompatível com sua tese da conclusão. Contudo, deixa-se remediar mais facilmente essa contradição do que a autocontradição do ceticismo histórico.

Dialético é, sim, apenas o desenvolvimento da história da filosofia, desde que ele esteja orientado na consumação da verdade filosófica da razão como ideal, o qual somente pode ser ambicionado na medida em que ele não esteja realizado. O pensamento de que o desenvolvimento dialético deve ser considerado como desenvolvimento espiral, cíclico da história da filosofia, com fim aberto, serve de base, a meu ver, implicitamente à filosofia hegeliana da história da filosofia. O desenvolvimento histórico da filosofia já pressupõe sempre, com efeito, o

absoluto, mas, ao mesmo tempo, continua sempre apenas a estar no caminho para ele.

3. Hegel trouxe à elaboração a estrutura dialética da história da filosofia principalmente para a época da Modernidade. As formas fundamentais da filosofia da Modernidade, Hegel discute como relação de ordem lógica da filosofia das “três posições do pensamento à objetividade”<sup>3</sup> e as traz, com isso, em uma sequência dialética: à metafísica dogmática do entendimento como tese se segue o empirismo, que passa necessariamente para a antítese do ceticismo; a crítica do ceticismo, na filosofia transcendental de Kant, preludia a transição da antítese para a síntese na posição da razão do Idealismo Alemão de Hegel, que é antecipado na filosofia da imediatidade de Jacobi.

Visto que essas formas fundamentais do filosofar valem também, em configuração modificada, para a época antiga, a helênica-romana e a medieval da história da filosofia, da construção dialética de Hegel da filosofia da Modernidade brota uma imagem na sua diferenciação até agora não supra pujada da esquematização das épocas da história da filosofia na totalidade. A história da filosofia inteira consiste na sua totalidade de uma série de épocas e ciclos, que em virtude da sua estrutura interna dialética apontam reciprocamente correspondências características. As filosofias da mesma fase de épocas diversas se correspondem estruturalmente e se distinguem no sentido material. Por isso, um progresso cíclico de uma época da história da filosofia para a próxima está garantido, bem como a possibilidade da distinção das diversas posições de outras épocas.<sup>4</sup>

4. Se lermos as “três posições do pensamento à objetividade” como teoria da história moderna da filosofia, assim se torna saliente o que essa teoria deve desempenhar. Hegel apresenta sua própria posição sistemática no caminho da crítica das formas fundamentais da filosofia da Modernidade. E precisamente

---

<sup>3</sup> Vgl. *Werke* 8, p. 93-168 (§§ 26-78). Cf. *Werke* 8, p. 93-168 (§§ 26-78).

<sup>4</sup> No seu livro *Wahrheit und Geschichte [Verdade e História]*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann Holzboog, 1984, V. HÖSLE forneceu uma interpretação abrangente das *Preleções da História da Filosofia* de Hegel, na medida em que ele transfere a sequência dialética das formas fundamentais do filosofar moderno nas “três posições do pensamento à objetividade” na estrutura dialética da sequência das filosofias em todas as épocas da história da filosofia e, assim, na apresentação de Hegel da história da filosofia destrincha uma teoria do ciclo da história da filosofia. Na verdade, o seu hegelianismo afirmativo impede que ele possa colocar-se em uma relação crítica às premissas fundamentalistas de razão da teoria da história da filosofia de Hegel. Além disso, deve ser mencionado que ele não leva em consideração o segundo autor mais importante de uma história especificamente filosófica da filosofia, precisamente Heidegger.

Hegel se vê como consumidor da filosofia moderna, na medida em que ele traz à luz o teor da verdade e da racionalidade dessas posições na separação crítica do falso. Desde que ele traga à apresentação seu próprio ponto de vista somente na forma de uma apresentação crítica das posições filosófico-históricas, na sua própria posição chega um momento da perspectivação, historicidade e reflexividade, o qual deixa aparecer, ao mesmo tempo, a consumação da tradição moderna como início de uma auto compreensão crítica da Modernidade.

5. Que a historicidade específica da Modernidade em Hegel entra no próprio conceito da razão, se deixa ler na relação dialética do entendimento e da razão. O entendimento não ocupa apenas o primeiro lado abstrato, mas também o segundo, o dialético ou negativo-racional, portanto, também o lado segundo o qual o lógico se apresenta como início da razão. De acordo com o primeiro lado, o entendimento atua como adversário, conforme o segundo lado do lógico, como órgão da razão. Nessa dupla dependência do entendimento da razão consiste sua negatividade, temporalidade e historicidade, mas em relação a ela a razão é também capaz de assumir criticamente posição em virtude da dialética negativa do entendimento.<sup>5</sup>

A teoria da história da filosofia de Hegel tem também consequências histórico-filosóficas: Hegel não deixou a razão ao todo com a negatividade e a historicidade, porque ele teve interesse em uma história racionalmente compreendida, que se destina à unificação e reconciliação. Por mais que Hegel não desnega a historicidade da razão, por mais que ele dependa de uma crítica na negatividade e na desunião da historicidade da Modernidade. A posição filosófico-histórica alveja, com isso, uma razão histórico-filosoficamente unificadora, na qual está integrada a historicidade, e uma história, na qual a razão se realiza. Mas essa ligação da razão e da historicidade pode, segundo Hegel, apenas lograr êxito se for segura em uma irreduzibilidade da razão não resultando na historicidade.

II. 1. Enquanto Hegel coloca a história da filosofia no horizonte de uma verdade eterna da razão, Heidegger temporaliza radicalmente a própria verdade e

---

<sup>5</sup> É, portanto, significativo que não deve ser subestimado que, no conceito preliminar da lógica enciclopédica de 1830, Hegel ganha os três lados do lógico como resultado resumindo a passagem crítica pela filosofia moderna (cf. *Werke* 8, p. 168-179 (§§ 79-82); cf. para isso H.-Chr. LUCAS. “Der „Vorbegriff“ der Logik”. [O “conceito preliminar” da Lógica]. In: LUCAS, H.-Chr.; PLANTY-BONJOUR, G. (Orgs.). *Logik und Geschichte in Hegels System [Lógica e História no sistema de Hegel]*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann Holzboog, 1989, p. 220.

a coloca, com isso, no horizonte irreduzível da historicidade da filosofia. No que diz respeito à concepção de Hegel, assim Heidegger parte de um fracasso do projeto de uma explicação puramente lógica, não-histórica da verdade, como Hegel a pretende na sua lógica. Com isso, a filosofia fica como que para trás na história, e precisamente na história da filosofia.

2. Heidegger simpatiza mais com o historicismo de Dilthey, ao qual ele dá, contudo, uma fundamentação filosófica mais profunda. De acordo com *Ser e Tempo*, o ser-aí humano inteiro está determinado pela temporalidade e historicidade. Com isso, a historicidade se torna tema principal da filosofia de Heidegger como um todo. Com Husserl, ele libertou o historicismo do psicologismo e o radicalizou de modo que a historicidade radical permite de novo a visão no sentido do ser e da verdade.

3. Já em *Ser e Tempo*, Heidegger delinea o programa de uma destruição da ontologia tradicional, a fim de dedicar-se mais e mais à realização desse programa na sua filosofia tardia.<sup>6</sup> Em *Ser e Tempo* é implementada a análise da existência do ser-aí humano unicamente com o fim de renovar a questão soterrada desde o início da metafísica pelo sentido do ser e da verdade. Também o pensar do ser mais tarde de Heidegger, após a virada, persegue o programa de uma destruição da metafísica em uma discussão permanente com a história da metafísica ocidental.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> No § 6 da introdução de *Ser e Tempo*, a partir do ponto de vista da temporalidade e da historicidade do ser-aí humano, Heidegger esboça a ideia de uma destruição da história da ontologia tradicional na guia do tempo como sentido do ser em geral, que abre as tradições endurecidas e a consciência do problema para as experiências derrotadas na história da filosofia.

<sup>7</sup> D. THOMÄ. *Die Zeit des Selbst und die Zeit danach*. Frankfurt/M, 1990. p. 454 s.). Após a “virada”, a filosofia da história da filosofia de Heidegger passa por uma mudança. A tarefa exposta no § 6 de *Ser e Tempo* de uma destruição da história da ontologia, que foi prevista pela segunda parte de *Ser e Tempo*, não pode ser trazida à execução, porque a transição da temporalidade e da historicidade do ser-aí humano ao tempo, enquanto tal, como sentido do ser em geral não logra êxito, e isso porque *Ser e Tempo* não vai além de uma teoria da subjetividade teórica de temporalidade como ser-aí (cf. D. THOMÄ. *Die Zeit des Selbst und die Zeit danach* [O tempo do mesmo e o tempo em seguida]. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990, p. 454 s.).

Conforme a concepção filosófica tardia da história do ser é o próprio tempo transcendendo a temporalidade do ser-aí que abre o ser nas suas possibilidades históricas e manda os homens como destino. Dali brota a concepção da ontologia temporalizada que deve explicar ao mesmo tempo o esquecimento progressivo do ser e da verdade na história da metafísica (cf. M. HEIDEGGER. *Zeit und Sein* [Tempo e Ser] (1962), In: Idem: *Zur Sache des Denkens* [Sobre o assunto pensamento]. Tübingen<sup>3</sup>: Max Niemeyer Verlag, 1988. Esp. p. 5-10). Mas visto que também o Heidegger tardio não é capaz de mediar o tempo enquanto tal como sentido do ser em geral com a temporalidade e da historicidade do ser-aí, ele pode apenas substituir a transcendência ultrapassando do ser-aí fundamentada na temporalidade do ser-aí pela dominância inversa do acontecimento do ser irrompendo no tempo que porta em si o caráter de um poder do destino mítico.

Qual intenção Heidegger persegue com seu programa? Ele gostaria de desdobrar um pensar do ser, que deixa para trás definitivamente a perspectiva metafísico-racional no ser, a qual está caracterizada assim: ela tematiza o ser apenas a partir do sendo, mas esquece do próprio ser, como ele está dado a partir de um fundamento impensável previamente.

O discurso do esquecimento metafísico do ser decorre da tese metafísico-crítica da diferença pré-racional ontológica do ser e do sendo, que Heidegger faz valer contra a fórmula metafísica da racionalidade do ser do sendo. A reformulação histórica de ser da história da metafísica diz que o ser se subtrai desde o princípio em proveito da revelação racional do sendo e se mantém no escondido. E apenas porque na sua proveniência não-racional o ser está escondido desde o princípio, a história da metafísica em geral se põe em marcha. Heidegger funda a história da metafísica no reinar [*Walten*] pré-racional do destino do ser se subtraindo. Este destino do ser impensável previamente é, para ele, o outro da racionalidade perpassando a história ocidental da racionalidade e se opõe, portanto, ao processo dialético da razão.

Apesar de Heidegger ter a tendência de positivar o destino do ser a uma grandeza metafísica, ele acerta plenamente algo verdadeiro na história da racionalidade ocidental em geral, que ela se desdobra no esquecimento do seu fundamento não-racional. Mas Heidegger não quer usar o ser recordado do fundamento não-racional da racionalidade para, com isso, ajudar a engatilhar a racionalidade, mas superá-la ou deixar atrás de si.

Precisamente a desdiferenciação que ocorre em Heidegger da história da filosofia – ele contrai a história da filosofia à história da metafísica e se concentra também apenas no seu início que, ao mesmo tempo, antecipa o fim da metafísica – permite conhecer que ele não está voltado para as formas diversas da racionalidade de desenvolver o sendo, mas para a apreensão geral que o outro da racionalidade foi encobrido na história da metafísica desde o princípio, e isso se torna evidente no fim, precisamente na crítica da razão de Nietzsche.

Apesar de toda a ambivalência da sua interpretação da história da metafísica, há que se manter firme na intenção filosófica produtiva de Heidegger. A potência da abordagem de Heidegger reside no fato de que ele questiona a racionalidade ocidental na sua verdade acerca da essência não-pensada não-racional, enquanto Hegel deixa começar a história da filosofia com a racionalidade

já formada em Parmênides e também apenas considera as formas da racionalidade já formadas.

4. O pensar filosófico-histórico de Heidegger parte do progresso da racionalidade na história da filosofia, que se afasta por aí afora do seu ponto de partida, e é na verdade uma história da depravação. Consequentemente seu próprio pensar é um pensar em caranguejar, precisamente para trás até o início. Com isso, a teoria da história da filosofia se torna algo inteiramente diferente do que anteriormente. Ela se torna um retrocesso ao fundamento pré-racional até agora não-pensado da filosofia europeia, mediante a destruição disso no qual a tradição filosófica foi construída: a racionalidade ocidental. Por conseguinte, o pensar grego inicial se torna de significado normativo para Heidegger.

5. A filosofia da história da filosofia teórica de depravação de Heidegger tem consequências para sua crítica da Modernidade: a ideia da origem e do fim da metafísica agradece seu potencial de crítica à circunstância de que Heidegger se move na consciência de uma propensão a crises da racionalidade da Modernidade. Decisivo é, para ele, se o fim da história ocidental e sua filosofia e o outro início do pensar e da história estão à vista. Apenas o retorno à origem da essência não-pensada pré-racional da filosofia, que é capaz de visualizar a história da proveniência da racionalidade moderna, contém dentro de si a possibilidade de um ir adiante em um novo “futuro da essência”.

Ora, significativo é que Heidegger tem dúvidas profundas a este respeito, se esse caminho é em geral viável. Em primeiro lugar, pode ser que a dominação da racionalidade metafísica se consolide na figura da técnica moderna e, em segundo lugar, pode ser que o passo para trás no fundamento pré-racional da metafísica seja instrumentalizado pela metafísica subsistente.<sup>8</sup>

Ambas as razões indicam que Heidegger não gostaria de usar o passo para trás no fundamento pré-racional da racionalidade ocidental para, com isso, libertar a racionalidade da sua figura deficitária para o novo pensar, mas libertar o novo pensar da racionalidade. Com isso, Heidegger alveja ultrapassar o limiar do

---

<sup>8</sup> Cf. M. HEIDEGGER. “Die onto-theo-logische Verfassung der Metaphysik” [A constituição onto-teo-lógica da metafísica] (1957). In: Idem: *Identität und Differenz* [Identidade e diferença]. (7ª edição) Pfullingen: Neske, 1982, p. 65 s.



pensar metafísico ao pensar pós-moderno e pós-metafísico no caminho de uma superação da metafísica.

III. Conclusivamente, gostaria de reunir as perspectivas de Hegel e Heidegger na história da filosofia e iluminar suas forças e fraquezas:

1. O problema da historicidade da filosofia em Hegel e Heidegger resulta em três posições filosóficas à história da filosofia, ou seja, à história da metafísica: 1. o programa de Hegel de uma reformulação crítica da metafísica que quer trazer à luz o teor da verdade e da racionalidade residindo na própria metafísica, 2. o programa de Heidegger de uma superação ou torção [*Verwindung*] da metafísica que regressa no seu fundamento pré-racional com a pressuposição que a metafísica recalçou este seu fundamento não-racional desde o princípio e o deixa não-pensado, 3. o programa da despedida encaminhado pelo Heidegger tardio que deixa simplesmente atrás de si a metafísica e a racionalidade ocidental, na medida em que ela sai em busca de um “outro início” do pensar e da história.<sup>9</sup>

2. Enquanto Hegel está voltado para o salvamento dos potenciais da racionalidade residindo na história da filosofia, e precisamente na crítica das formas deficitárias da racionalidade, Heidegger depende do salvamento do outro da racionalidade. Ambos estão voltados, portanto, para uma crítica na racionalidade especificamente metafísica que também serve de base para sua figura deficitária da Modernidade. Contudo, enquanto Hegel não cede ao outro da racionalidade nenhum ou quase nenhum significado, Heidegger negligencia os potenciais da racionalidade da metafísica, na medida em que ele a ultrapassa desde logo ao outro da racionalidade. Ambos não vêm ao pensamento decisivo que o outro da racionalidade é de significado decisivo também para o desdobramento de uma razão não-instrumental; não Hegel, porque no desdobramento da razão ele não ultrapassa essa ao seu outro; não Heidegger, porque na ultrapassagem da

---

<sup>9</sup> O último texto de Heidegger publicado por ele mesmo porta o título: “Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens” (1964) [O fim da filosofia e a tarefa do pensar]. In: M. HEIDEGGER. *Zur Sache des Denkens* [Sobre o assunto pensamento], Tübingen<sup>3</sup>: Max Niemeyer Verlag, 1988, p. 61-80. Com o discurso do fim da filosofia, Heidegger entende que a filosofia como metafísica perdeu seu papel de dimensões mundiais e vai ao encontro do seu fim, na medida em que ela passa na apropriação do mundo científico-técnico. O título problema para a questão ‘O que permanece como tarefa do pensar após o fim da filosofia, em que a técnica se tornou perigo para o homem?’ reza: a procura por um “outro início” do pensar e da história. A concepção da filosofia da história da filosofia do Heidegger tardio compreende “a filosofia como história da transição do ocidente e o ocidente como história da transição da filosofia” (G. FIGAL. *Heidegger. Zur Einführung* [Heidegger. Para introdução]. Hamburg: Günter Junius Verlag, 1996, p. 169).

racionalidade metafísica do entendimento não vem mais ao desdobramento de uma razão não-instrumental.<sup>10</sup>

3. Uma coisa é colocar um diagnóstico da problemática, outra coisa é averiguar as razões para ela e fazer sugestões para uma terapia ou até para uma teoria melhor. Parto da hipótese de que os déficits para a teoria da historicidade de Hegel e Heidegger residem fundamentados nos déficits do conceito respectivo da filosofia. Ambos os filósofos têm um conceito de filosofia estreito demais. O fundamentalismo da razão de Hegel abre a razão muito pouco à relação ao seu outro, quer a anti-razão ou o pensar pré-filosófico. A reconstrução histórica de ser de Heidegger da história da filosofia em ordem ao outro da racionalidade leva em consideração muito pouco os potenciais da racionalidade residindo na história da filosofia. Assim se deixaria aventar a tese de que apenas uma filosofia que recolhe dentro de si respectivamente as forças das intenções de Hegel e Heidegger considera adequadamente o problema da sua historicidade.

Data de Recebimento: 16 de dezembro de 2013;  
Data de Aceite para Publicação: 20 de dezembro de 2014.

---

<sup>10</sup> O conceito principal metafísico-crítico da diferença ontológica e o princípio da negatividade de Hegel se põem em concordância nisso, a saber, que eles ultrapassam a racionalidade do entendimento. Mas enquanto Hegel suprassume a racionalidade do entendimento pelo movimento da negatividade na racionalidade da razão, sem levar em consideração uma dimensão pré-racional como constitutiva, com a revelação do seu fundamento não-racional, Heidegger quer deixar atrás de si a racionalidade do entendimento, sem levar em conta uma forma da racionalidade transcendendo a racionalidade do entendimento.

Heidegger, na sua discussão com a teoria da história da filosofia de Hegel no seu artigo “Die onto-theologische Verfassung der Metaphysik” [A constituição onto-teo-lógica da metafísica] (Idem), não compara seu pensamento da diferença ontológica com o conceito de negatividade de Hegel. Isso reside fundamentado no fato de que ele subtrai o desempenho metafísico-crítico do pensar de Hegel. Vejo nisso um índice para a estratégia de Heidegger repor o pensar de Hegel na racionalidade da metafísica.